

Opção 1:

ST 010. África contemporânea: novos temas, questões de pesquisa e novas abordagens

Opção 2

029. Cidades em disputa: histórias, memórias, práticas do/no espaço

Opção 3

ST 19: Arte, artistas e intelectuais na África e na diáspora: trânsitos coloniais e pós coloniais

Necro-bio-políticas de pertença: genealogias das formas de viver e das formas de morrer nas townships da Cidade do Cabo, África do sul.

Natalia Cabanillas
UNILAB_Brasil
nataliacabanillas@gmail.com

Kwerekwere- queer, kwerekwere- queer, pronuncia, insiste, repete e soletra Zetu Matebeni; ativista LGTBI, negra, xhosa-falante, historiadora, joga na mesa uma hipótese tão inteligente quanto ousada: a violência afro-xenofóbica (Gqola, 2015) contra os estrangeiros -despectivamente chamados kwerekwere- e a violencia contra individuos LGTBI Queers negros nas townships sulafricanos tem similitudes notórias. Há intertextualidade na dimensão performática e estética do ato violento em si mesmo: o assassinato público por linchamento ou necklacing, acontecendo con relativa espontaneidade. A perpetração coletiva do crime, que envolve o protagonismo de homes jovens da mesma comunidade, e a impunidade quase absoluta dos crimes, a pesar que os participantes são vistos/ conhecidos. Há também uma linguagem familiar ou mutuamente inteligível quando tanto estrangeiros como LGTBIQ são acusados de não ser sulafricanos – africanos, respectivamente. São catalogados como externos, aliens, e por tanto, não mereceriam viver/existir na comunidade. Este trabalho procura desenvolver a conceitualização de Zethu Matebeni (2015), elaborada no contexto de entrevista, estabelecendo a genealogia das formas de matar/ morrer nas townships de Cape Town, seus significados e articulações com a construção de comunidade, como entidade identitária; e com a construção da soberania territorial das comunidades em articulação com os principios necro-políticos (Mbembe, 2011), e necro-bio-políticos (Bento, 2017). A reflexão parte de um trabalho de campo realizado durante os estudos de doutorado [2014-15], durante o qual, tomei a decisão de não falar/ não escrever/ não focar na

violencia das townships, me remetendo apenas à situação de colonialidade violento-gênica, enquanto o foco seria a criação das formas de existir articuladas por movimentos de mulheres Negras. No entanto, a três anos desse trabalho, revisitando os itinerários de pesquisa na África do Sul, simultaneamente vivenciando as práticas necro-bio-políticas no interior do Ceará, o estudo, reflexão e escrita sobre as genealogias da violência em contexto de racismo e sexismo de alta letalidade se impõe como uma necessidade intelectual-emocional-política.